

# FELICIDADE E MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO (Happiness and Discontents in the Civilization)

Jaqueline Feltrin Inada<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta o conceito de felicidade em Freud tendo em vista o funcionamento do psiquismo humano e as exigências impostas pela civilização. Na acepção freudiana, felicidade trata-se da realização do programa do princípio de prazer, ou seja, obter prazer e evitar desprazer. Freud mostra que este programa é irrealizável por limitações não só culturais, como também psíquicas. O psiquismo está constituído de tal forma que almeja o estado zero de tensão e a cultura, para preservar a vida em comunidade, limita a realização das pulsões, acarretando sofrimento ao homem. Assim sendo, Freud constata que a felicidade é uma meta inalcançável. Entretanto, afirma que o homem pode obter alguma satisfação através de determinadas técnicas fornecidas pela civilização.

**Palavras-chave:** Felicidade. Psiquismo. Prazer. Desprazer. Civilização. Freud.

**Abstract:** This article shows that the concept of happiness, according to Freud, is focused on the work of human psyche and the requirements commanded by civilization. In the Freudian sense, happiness is the accomplishment of the principle of pleasure program which is simply to get pleasure and avoid displeasure. Freud shows that this program is unachievable because of not only cultural limitations, but also of mental restrictions. The psyche is constituted in such a way that it aims at zero state of tension and the culture restricts the performance of drives, occasioning suffering to human beings in order to preserve life in community. Therefore, Freud thinks that happiness is an unachievable target. However, he affirms that the human being can obtain some satisfaction through certain techniques provided by civilization.

**Keywords:** Happiness. Psyche . Pleasure. Displeasure. Civilization. Freud.

## Introdução

Freud é um autor que, embora não tenha escrito textos especificamente sobre a felicidade, contribuiu para a compreensão deste conceito mediante a construção de um campo de reflexão da existência humana empreendida em *O mal-estar na civilização*. Longe de pensar a felicidade apenas a partir do ponto de vista psicológico, Freud desenvolveu reflexões que contemplam as exigências impostas pela civilização. Com estas reflexões, formulou um conceito peculiar de felicidade e, por fim, concluiu que psiquismo e civilização estão constituídos de tal forma que tornam a meta da felicidade inalcançável.

Neste artigo, pretendemos compreender o conceito de felicidade em Freud e mostrar de que modo a psicanálise o concebe como um objetivo humano irrealizável do ponto de vista do funcionamento psíquico e das exigências culturais. Para tanto, dividimos o artigo da seguinte maneira: primeiramente apresentamos o conceito de felicidade para, posteriormente, abordá-lo tendo em vista os dois pontos de vista supracitados.

## O conceito de felicidade a partir de Freud

Para introduzir o tema da felicidade em *O mal-estar na civilização*, Freud toma como ponto de partida a investigação do propósito da vida com base no comportamento dos homens. Ele afirma que estes se esforçam para alcançar e preservar um estado feliz. Embora único, tal propósito comporta dois vieses que são definidos de acordo com a meta almejada. A aspiração à felicidade, portanto, “[...] tem dois lados: uma meta positiva e uma negativa: por uma parte, [os homens] querem a ausência de dor e de desprazer; por outra, vivenciar intensos sentimentos de prazer”.<sup>2</sup>

Entretanto, Freud afirma: “O que em sentido estrito se chama ‘felicidade’ corresponde à satisfação mais repentina de necessidades retidas com alto grau de êxtase e, por sua própria natureza, somente é possível como um fenômeno episódico”.<sup>3</sup> O tempo, neste sentido, é uma limitação fundamental. Isto porque,

Se uma situação desejada pelo princípio de prazer perdura, em nenhum caso obtém-se mais que um sentimento ligeiro de bem-estar. Estamos organizados de tal modo que somente podemos gozar com intensidade e contraste e muito pouco de um estado. A nossa constituição, então, limita nossas possibilidades de felicidade.<sup>4</sup>

A felicidade a qual Freud refere-se implica, neste sentido, na realização do programa do princípio de prazer. Por princípio de prazer, o autor entende um modo de organização que, governando o psiquismo desde o início da vida, baseia-se na busca de prazer, mas também na evitação de sofrimento. Para Freud, seu

[...] programa está em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. É absolutamente irrealizável, as disposições do todo – sem exceção – o contrariam. Diria-se que o propósito que o homem seja “feliz” não está contido no plano da “Criação”.<sup>5</sup>

Freud escreve, então, sobre a necessidade da introdução do princípio de realidade. Manter uma condição subjetiva de prazer sem desprazer trata-se de uma meta inalcançável. Além do mundo externo que não permite a satisfação irrestrita, também é preciso considerar questões psíquicas, como o tempo curto da vivência de prazer e a necessidade do contraste, ou seja, de um estado de desprazer que anteceda o de prazer.

Mas ao operarmos uma investigação pormenorizada dos conceitos que giram em torno da concepção de felicidade, tais como princípio de prazer, desprazer, prazer, enfim, do funcionamento do aparelho psíquico, uma outra explicação surge para justificar o fato de o programa do princípio de prazer ser irrealizável: a idéia segundo a qual a felicidade está relacionada ao estado zero de tensão, ou seja, à morte, sendo, nesse caso, *incompatível* com a vida, por conta da própria constituição do psiquismo.

Já em se tratando de infelicidade, Freud afirma que as possibilidades de senti-la são muito maiores. A infelicidade provém das seguintes fontes: do corpo, do mundo externo e dos relacionamentos humanos. Diante destas, os homens reduzem suas reivindicações de felicidade e consideram-se felizes somente por terem escapado ao sofrimento. Freud analisa, então, algumas técnicas que proporcionam ao homem prazer ou evitam o sofrimento. Entretanto, deixa claro que nenhuma é capaz de oferecer a felicidade “absoluta”, pela simples razão de que se refere ao estado zero de tensão. Mas, por outro lado, tais técnicas proporcionam uma felicidade “efêmera”, devido ao prazer que provocam ou ao desprazer que evitam.

### **Os conceitos de prazer e desprazer**

Tendo em vista que prazer e desprazer são conceitos fundamentais para se entender a concepção de felicidade, é importante compreender o terreno filosófico sobre o qual Freud edifica o conceito de prazer através de uma leitura histórica do tema –

leitura essa que pode ser encontrada nos trabalhos de Francisco Bocca e Luiz Roberto Monzani.

Em *Desejo e prazer na Idéia Moderna*, Monzani constata que é com a filosofia de Condillac que o prazer adquire uma nova configuração e que, aliado ao desprazer, refunda a natureza do homem através de um dualismo. Doravante, todo o domínio da vida passa a ser subordinado ao princípio de prazer. Com o artigo *Prazer, Psicanálise!*, Bocca busca desvendar a matriz filosófica que teria sustentado a concepção de prazer em Freud. Para tanto, desenvolve um exame histórico centrado no século XVIII francês, recorrendo aos conceitos de Hobbes e Locke quando necessário. As conclusões que chega são semelhantes às aquelas expostas por Monzani: com Condillac, o homem é fundado no par prazer/desprazer. Tomando como ponto de partida essa idéia, Bocca entende que do prazer, Freud retira toda a positividade a fim de fundá-lo como ausência de tensão. O conceito passa, então, a agregar a negatividade. Isto porque, o prazer, como um estado, não existe, na medida em que implica na morte do organismo. Conforme nos mostra Bocca, essas idéias podem ser observadas desde o *Projeto de uma Psicologia*<sup>6</sup> e praticamente em todas as obras psicanalíticas posteriores. No *Projeto*, Freud afirma:

[...] desprazer corresponderia ao aumento do nível de Q<sub>í</sub> [quantidade de origem interna] ou ao crescimento quantitativo de pressão; seria a sensação ω [sistema perceptivo] no caso de um crescimento de Q<sub>í</sub> em ψ [sistema de neurônios impermeáveis, portadores de memória e dos processos psíquicos em geral]. Prazer seria a sensação de eliminação.<sup>7</sup>

Segundo Monzani, investigar o conceito de prazer no interior do discurso freudiano não consiste em uma tarefa fácil, porque o prazer é uma questão problemática nas obras psicanalíticas devido às metamorfoses que sofre no decorrer das reflexões de Freud.<sup>8</sup>

Em *Além do princípio de prazer*, Freud afirma que o psiquismo humano é regulado pelo princípio de prazer, o que significa dizer que busca o prazer e a evitação de sofrimento. De acordo com Freud, “[...] cada vez que uma tensão desprazerosa se acumula, ela desencadeia processos psíquicos que tomam, então, um determinado curso. Esse curso termina em uma diminuição da tensão, evitando o desprazer ou produzindo prazer”.<sup>9</sup> A tensão a qual Freud refere-se pode ter uma origem externa ou uma origem interna. Em suas palavras:

Pode tratar-se da percepção de uma pressão interna [*Andrängens*] – causada por pulsões insatisfeitas – ou da percepção de elementos oriundos do mundo externo – que, ou são desagradáveis em si, ou desencadeiam expectativas desprazerosas no aparelho psíquico e são reconhecidas por ele como “perigo”.<sup>10</sup>

Em alguns casos, Freud afirma que a fonte interna pode assumir um papel de importância econômica comparável, por exemplo, a uma neurose traumática, já que a camada cortical que recebe os estímulos internos não possui um escudo protetor. De forma geral, refere-se às pulsões. Em *Pulsões e destinos da pulsão*, encontramos a clássica definição freudiana de pulsão como

[...] um conceito-limite entre o psíquico e o somático, [...] o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, [...] uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo.<sup>11</sup>

No início da vida, as pulsões são escoadas quase que irrestritamente por conta do organismo estar sob o domínio do princípio de prazer. Todavia, com a introdução do princípio de realidade, essa dinâmica pulsional é alterada. No artigo *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*, Freud toma como tema principal a distinção

entre os dois princípios que regulam o aparelho psíquico: o princípio de prazer e o de realidade. O princípio de prazer constitui um dos princípios que regula o aparelho mental e que domina a psique desde o início da vida. Embora tenha que ser “substituído” pelo princípio de realidade, seu objetivo, que é evitar desprazer e buscar prazer, jamais é abandonado. Freud escreve que no início da vida o bebê não diferencia seu ego do mundo externo como fonte de sensações, tal como o adulto. A diferenciação entre si e o mundo externo é apreendida de forma gradual, mediante a reação aos estímulos. Alguns estímulos podem prover o bebê de sensações a qualquer momento, ao passo que outros só aparecem mediante as reações de choro. Trata-se, respectivamente, dos órgãos corporais e do seio materno – o objeto mais desejado. Este é o primeiro objeto com o qual a criança é contrastada e que lhe incentiva a reconhecer o mundo externo como algo distinto de seu ego. Um outro incentivo provém das sensações de desprazer, sensações essas que, sob o domínio do princípio de prazer, o bebê é impelido a evitar. Assim, surge a tendência de isolar do ego todas as fontes que causam desprazer, criando um puro ego de busca de prazer. Não obstante, esse ego confronta-se com o mundo externo, que é sentido inicialmente como “estranho” e “perigoso”. A criança começa a perceber que alguns objetos prazerosos advêm do mundo externo e que determinados desprazeres são provenientes de seu próprio organismo. O processo a partir do qual ela aprende a operar a diferenciação entre interno e externo está ligado à realização de atividades sensoriais e motoras. Segundo Freud, a criança dá o primeiro passo em direção à introdução do princípio de realidade. Tal diferenciação tem o fito de tornar a criança capaz de se defender das sensações de desprazer. Com a introdução do princípio de realidade, o ego separa-se definitivamente do mundo externo. Freud afirma que,

No entanto, o princípio de realidade não abandona o propósito de obtenção final de prazer, mas exige e consegue impor ao prazer um longo desvio que implica a postergação de uma satisfação imediata, bem como a renúncia às diversas possibilidades de consegui-la, e a tolerância provisória ao desprazer.<sup>12</sup>

De um ser meramente biológico, que busca a satisfação das necessidades ligadas somente à sobrevivência, o homem tornar-se, então, social, animado por desejos e necessidades que ultrapassam àqueles exigidos para se manter a vida, pois passam a ser organizados doravante pela “sociedade”, na medida em que, de acordo com a moralidade estabelecida, são satisfeitos, reprimidos/recalcados, postergados ou desviados de sua finalidade original.

Desta exposição, surgem duas questões fundamentais: o que significa “prazer” e “desprazer”? Já no início de *Além do princípio de prazer*, Freud reconhece as dificuldades em conceituá-los a ponto de afirmar que “Trata-se do território mais obscuro e inacessível da vida psíquica”.<sup>13</sup> Por esse motivo, pensa que a alternativa mais viável, nessa ocasião, é a adoção de hipóteses. Nas palavras de Freud:

Assim, uma vez que é impossível evitar travar contato com esses fenômenos, parece-me que o melhor a fazer é enfrentá-los adotando uma hipótese menos rígida possível. Em psicanálise relacionamos prazer e desprazer com a quantidade de excitação presente na vida psíquica – quantidade que de alguma maneira não está presa –, de modo que nessa relação o desprazer corresponderia a um aumento, e o prazer, a uma diminuição dessa quantidade.<sup>14</sup>

Com essa citação, Freud liga os conceitos de prazer e desprazer com a quantidade de excitação presente no aparelho psíquico: enquanto o aumento de tensão corresponde ao desprazer, a diminuição equivale ao prazer. Ambos são percebidos pela consciência. Segundo Freud, “A consciência fornece essencialmente percepções de excitações que provêm do exterior e sensações de prazer e desprazer que naturalmente

só podem originar-se do interior do aparelho psíquico”.<sup>15</sup> Ou seja, os termos prazer e desprazer qualificam os estímulos percebidos pela consciência de acordo com as características quantitativas que apresentam.

Se o desprazer e o prazer consistem no aumento e na diminuição de tensão, respectivamente, isso significa que buscar o prazer não é visar a um estado alternativo ao de evitar desprazer: é almejar sua própria ausência. E mais do que isso: se o aparelho psíquico, tal como vimos, está orientado, com efeito, pelos objetivos do princípio de prazer, isso equivale a dizer que visa, em última instância, a um estado de ausência de desprazer, ou seja, a um estado sem tensão. Mas Freud escreve sobre uma tensão tão baixa quanto possível ou pelo menos constante porque o organismo necessita de certa quantidade de excitação para ser organismo. A ausência total de tensão significa, em termos freudianos, a realização da pulsão de morte, ou seja, o retorno ao inanimado. Nesse sentido, o que mantém o ser vivo seria a tensão residual. O sofrimento, portanto, consistiria num “efeito colateral” da vida, que é uma ordem sustentada por Eros – na medida em que essa pulsão introduz estímulos – atuando de forma contrária à tendência original do organismo. A vida, assim, provocaria sofrimento e quando aniquilada, proporcionaria prazer ao organismo.

Se, a princípio, pensamos que as pulsões, ao introduzirem tensões no organismo, trabalham a favor da vida, quando nos deparamos com as reflexões de Freud em *Além do princípio de prazer*, uma outra versão sobre a tendência das pulsões nos é apresentada. Nesse texto, Freud mostra que a pulsão tem uma natureza conservadora, na medida em que visa ao restabelecimento de um estado anterior. Essa idéia conflita com o objetivo das pulsões de vida, a saber, manter o organismo excitado. A “chave” para a compreensão dessa “aparente” contradição reside no tipo de morte que Freud refere-se. Ele explica que o organismo não quer morrer

[...] por outras causas que suas próprias leis internas. Ele quer morrer à sua maneira e, assim, também essas pulsões que preservam a vida na verdade foram originalmente serviços da morte. Daí o paradoxo de que o organismo lute tão energicamente contra as forças (os perigos) que poderiam ajudá-lo a alcançar por um atalho bem mais curto seu objetivo vital de morrer (por assim dizer, um curto-circuito). Na verdade, o que ocorre é que o comportamento de buscar a morte a seu próprio modo é algo de cunho puramente pulsional e por isso está em oposição a uma ação inteligente.<sup>16</sup>

Freud quer dizer que, de fato, as pulsões têm uma natureza conservadora expressa pelo objetivo de fazer com que o organismo retorne a um estado inanimado. Mas longe de atingir esse objetivo através da ação de fatores externos (por exemplo, o suicídio), visa-se a alcançá-lo de acordo com as leis internas do organismo. Eros esforça-se, então, para manter este vivo através da introdução de excitação. Assim, precisamos reconhecer que a própria vida seria apenas um desvio para se atingir o objetivo final da morte. Para Freud,

Se o objetivo da vida fosse chegar a um estado nunca alcançado anteriormente, isso estaria em frontal contradição com a natureza conservadora das pulsões. Portanto, esse objetivo deve ser muito mais o de alcançar um estado antigo, um estado inicial, o qual algum dia o ser vivo deixou para trás e ao qual deseja retornar tendo de passar por todos os desvios tortuosos do desenvolvimento. Se pudermos admitir como um fato sem exceção que todo ser vivo morre, ou seja, retorna ao estado inorgânico devido a razões internas, então podemos dizer que: O objetivo de toda a vida é a morte, e remontando ao passado: O inanimado já existe antes do vivo.<sup>17</sup>

Monzani afirma que há uma tendência mortuária nas obras de Freud. Se o aparelho psíquico, as pulsões e até a própria vida tendem a um estado sem tensão, não

podemos simplesmente deixar de lado a idéia crucial que permeia todas essas reflexões: a morte. Segundo Monzani; “[...] seja lá qual for o caminho que se escolha, o tema da morte, mesmo não-nomeado, ronda toda a temática freudiana do desejo, do prazer e da satisfação. Qualquer que seja o viés escolhido, as conclusões são sempre as mesmas”.<sup>18</sup>

Se o organismo realmente tende à evitação de desprazer proveniente do aumento de tensão, as concepções de Freud, com efeito, nada tem a ver com as idéias hedonistas, na medida em que estas concebem o prazer como a finalidade da vida. Epicuro, em *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*, escreve:

[...] o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor.<sup>19</sup>

Monzani afirma que “Desde o começo, a lição que Freud nos ensina é bem outra: não perseguimos o prazer, fugimos do desprazer”.<sup>20</sup> A partir desta idéia, poderia surgir a questão se, de fato, nós realmente não desejamos o desprazer, tendo em vista aqueles indivíduos que sentem justamente satisfação na dor, seja na situação da relação sexual ou de humilhação. Para Freud, trata-se de masoquistas - classe que está inclusa no que ele, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, chama de perversão, ou seja, um desvio da sexualidade “normal”, a qual implica na obtenção do orgasmo através da penetração genital.

Mas isso não significa que Freud não veja problemas nos conceitos aí implicados. É importante assinalar que as concepções de prazer e desprazer contidas em *Além do princípio de prazer* resistem a determinados fenômenos descritos por Freud nos artigos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e *O problema econômico do masoquismo*. Neste último texto, ao analisar o fenômeno do masoquismo, Freud escreve que o fator quantitativo é insuficiente para definir o prazer e o desprazer. É preciso acrescentar a tais definições um fator qualitativo, que ainda é desconhecido pela psicanálise. Freud afirma acerca do prazer e do desprazer:

[...] não mais podemos associá-los de modo direito ao aumento ou à diminuição dessa quantidade de estimulação (magnitude que denominávamos tensão-derivada-estímulos [*Reizspannung*]). Na verdade, parece que eles não dependem desse fator quantitativo, mas de uma determinada característica dele que, no momento, apenas conseguimos designar genericamente como de natureza qualitativa. Aliás, teríamos avançado muito na psicologia se soubéssemos indicar qual seria precisamente essa característica qualitativa. Talvez seja o ritmo, o decurso temporal nas transformações, as elevações e as quedas da quantidade de estímulo, não o sabemos.<sup>21</sup>

Em *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, o problema está relacionado ao aumento de tensão associado ao prazer. Segundo Freud: “Em todos os casos em que a tensão é produzida por processos sexuais ela é acompanhada de prazer [...]”.<sup>22</sup> Diante dessa constatação, ele busca uma maneira de conciliar a tensão desagradável com o sentimento de prazer, mas reconhecendo que “Tudo que se relaciona com o problema do prazer e do desprazer toca num dos pontos mais sensíveis da psicologia atual”.<sup>23</sup> Feita essa observação, Freud inicia o exame da questão. Ele afirma que durante a relação sexual o sujeito sente um prazer progressivo que culmina no orgasmo, no grande prazer. Mas para aí culminar é necessário haver um contraste, ou seja, um aumento de tensão que o anteceda. Freud explica que o prazer progressivo consiste em uma espécie de pré-prazer advindo de pulsões parciais que são descarregadas de forma imediata. Este pré-prazer encoberta o desprazer que vai sendo acumulado concomitantemente até que

chegue a um nível tão elevado que, ao ser descarregado, provoca a sensação do orgasmo.

Conforme vimos até aqui, o problema da passagem da quantidade de estímulo para sua qualificação na consciência permanece insolúvel, tal como apresentamos com base no texto *O problema econômico do masoquismo*. Já a resistência encontrada em *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* acerca da elevação de excitação associada ao prazer parece ser solucionada por Freud com os argumentos já apresentados. Mas esses fatos não impedem que estejamos certos da negatividade do prazer. A idéia de uma tendência à inexcitabilidade está presente não só no conceito de prazer, mas sim em toda obra de Freud, do início ao fim.<sup>24</sup>

### **Civilização e felicidade**

Ao analisar o conceito de felicidade focando o papel da cultura, Freud constata que a vida social exige sacrifícios pulsionais da ordem do desejo, causando aos homens um *mal-estar*. Ao mesmo tempo, esses sacrifícios constituem uma condição necessária para a existência da sociedade. Sob o domínio do princípio de realidade, a satisfação é adiada e o desprazer tolerado. É mais do que isso: o indivíduo torna-se vulnerável a diversas fontes de sofrimento. Para manter a vida, o objetivo de encontrar a felicidade (em seu sentido estrito) é relegado ao segundo plano, na medida em que as reivindicações individuais são submetidas às da sociedade. É por isso que Freud afirma: “A liberdade individual não é um patrimônio da cultura”.<sup>25</sup>

Na acepção freudiana, “[...] a palavra ‘cultura’ designa a soma total de operações e normas que distanciam nossa vida da de nossos antepassados animais e que servem a dois fins: a proteção do ser humano frente à natureza e a regulação dos vínculos recíprocos entre os homens”.<sup>26</sup> Para sobreviver com a segurança proporcionada pela vida social, o homem “abre mão” da possibilidade de realizar suas pulsões ao bel prazer. Conforme Freud, “O homem da cultura trocou uma parte de felicidade por uma parte de segurança”.<sup>27</sup>

A origem da cultura é narrada por Freud em *Totem e Tabu*. O ponto principal da narrativa consiste no horror ao incesto adquirido após a morte do pai, porque é justamente por meio da proibição do incesto que a cultura torna-se possível. Com a cultura, Freud afirma que surgem também novos sentimentos que passam a nortear as relações entre os homens. No interior de uma família, o amor entre homem e mulher caracteriza-se como um amor propriamente genital. Já aquele amor que une a mãe e o pai aos filhos e vice-versa, bem como os irmãos entre si, é chamado por Freud como amor inibido em sua finalidade. Ambos os tipos estendem-se para além do grupo familiar. Enquanto o amor genital leva à formação de novas famílias, o amor inibido em sua finalidade conduz a laços amigáveis.

Mas o assassinato do pai pelos filhos e o desejo destes pela mãe marca de tal forma a história do homem, como espécie, que se repete também no desenvolvimento do indivíduo, através do que Freud chama de complexo de Édipo. Por isso, também deve ser reprimido. Este complexo é vivenciado pela criança durante a fase fálica, a qual é precedida pela fase oral e pela fase anal.

Na fase fálica, a criança elabora teorias sobre a sexualidade, as quais são analisadas por Freud em *Sobre as teorias sexuais das crianças*.<sup>28</sup> Neste texto, afirma que as crianças criam histórias por não acreditarem na teoria da cegonha contada pelos adultos. A primeira teoria está relacionada à universalidade do pênis. No menino, o falo corresponde ao pênis que está anatomicamente presente. Na menina, a falta não é assinalada devido ao falo, um objeto imaginário. Posteriormente, a falta do pênis é percebida nas meninas e nas mulheres. O menino entende que o pênis pode, então, ser

perdido, mas não percebe que é sua presença/ausência que assinala a diferença entre os sexos. A oposição se dá entre fálico e castrado. O menino passa a temer a perda do pênis. Esse temor está ligado aos sentimentos que a vivência do drama edípiano provoca: o menino odeia o pai e o quer matar, por isso, agora, teme que o pai, a fim de vingar-se, o castre. É devido a essa ameaça que a criança desiste do amor da mãe e de matar o pai. No caso da menina, a castração é um fato consumado. Ela entende que um dia teve pênis, mas que o perdeu devido à castração. Por perceber que a mãe também não o tem, desvaloriza-a e dirige-se à figura que o possui: o pai. Dele, a menina solicita o gozo do falo mediante a relação sexual ou um pênis dentro de si, o que equivale a um filho. Isto ocorre em razão da inveja do pênis. Como o desejo não é realizado, o complexo de Édipo é gradativamente “abandonado”. Nesta trama, o pai representa a Lei, ou seja, a cultura, na medida em que é o agente da castração. Pellegrino explica a compreensão lacaniana da castração: trata-se, grosso modo, do “corte” que o pai tem que operar na relação fusional entre mãe e filho.<sup>29</sup> Em troca da renúncia ao incesto, da manutenção de uma relação simbiótica com a mãe, o pai oferece à criança o mundo da cultura e do amor por outros homens. Só mediante essa renúncia é que a criança pode viver; caso contrário, resta-lhe a psicose ou a morte.

Com a “dissolução” do complexo de Édipo, surge o superego. Esta instância psíquica depende das circunstâncias sociais, visto que assimila as normas e os valores vigentes. Constitui, de forma geral, na internalização da autoridade externa, isto é, o pai. Nas palavras de Freud: “A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal”.<sup>30</sup>

Contra as exigências do id, o superego “controla” o ego, impedindo a realização “cega” das pulsões, o que acaba gerando infelicidade. Segundo Freud, “Assim como a satisfação pulsional equivale à felicidade, assim também é causa de grave sofrimento quando o mundo externo nos deixa na indigência, quando recusa a satisfação de nossas necessidades”.<sup>31</sup> Além disso, por assumir parte da pulsão agressiva que é introjetada no ego em razão da repressão, o superego visa a punir o ego com a mesma agressividade que um dia ele quis satisfazer em outros indivíduos. Freud afirma: “Chamamos ‘sentimento de culpa’ a tensão entre o superego severo e o ego que a ele está submetido”.<sup>32</sup> Ao refletir sobre as origens do sentimento de culpa, Freud constata que ele surge, inicialmente, a partir do medo do desamparado da autoridade em razão da perda do amor e, posteriormente, do medo do superego, entidade esta que representa a interiorização da autoridade. Enquanto no primeiro caso renuncia-se à satisfação pulsional para conservar o amor da autoridade, no segundo, somente essa renúncia não basta. É preciso que o ego seja punido. Nenhum desejo, tanto pensado quanto realizado, pode agora ser escondido do superego. De acordo com Freud: “Nesse momento, desaparece a angústia frente à possibilidade de ser descoberto, e também, por completo, a distinção entre fazer o mal e desejar fazê-lo; com efeito, diante do superego nada pode se ocultar, nem sequer os pensamentos”.<sup>33</sup>

O sentimento de culpa tem origem na história da família primitiva. O ódio dirigido à figura paterna é até hoje tão forte que precisa ser reprimido e, assim sendo, acaba por gerar o sentimento de culpa, o que torna o homem infeliz. Ao refletir sobre a relação desse sentimento com a cultura, Freud afirma que o progresso da ciência é acompanhado por uma intensificação do sentimento de culpa - uma variedade da ansiedade que pode se manifestar como um mal-estar. Logo, por uma intensificação na infelicidade. Isso o conduz à seguinte afirmativa: “Que poderosa deva ser a agressão como obstáculo da cultura se a defesa contra ela pode produzir tanta infelicidade quanto a própria agressão!”.<sup>34</sup>



A agressividade a qual Freud refere-se é uma manifestação da pulsão de morte. Esta, por sua vez, consiste em uma classe pulsional oposta às pulsões de vida (Eros) e que visa, sobretudo, a atingir o estado zero de tensão. Segundo Freud, constitui uma das maiores ameaças de aniquilamento da cultura, gerando infelicidade, inquietação e mal-estar. O tema da pulsão de morte atravessa de tal forma as concepções de Freud, conforme já vimos, que sua definição de homem também é por ela pautada. Para Freud, [...] o ser humano não é um ser manso, amável, somente capaz de se defender quando o atacam. É lícito atribuir a sua dotação pulsional uma boa cota de agressividade. Em conseqüência, o próximo não é somente um possível auxiliar e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer sua agressão, explorar sua força de trabalho sem ressarcir-lo, usá-lo sexualmente sem seu consentimento, dispor de seu patrimônio, humilhá-lo, lhe infligir dores, martirizá-lo e de matá-lo.<sup>35</sup>

Freud chega a afirmar que o homem, livre da ação da repressão, revela-se como uma “besta selvagem”. Sendo assim, é imprescindível que a cultura exija o sacrifício pulsional.

Ao afirmar categoricamente que a agressividade faz parte da constituição do homem, Freud tenta mostrar que nenhum objeto externo pode ser indicado como responsável pela hostilidade humana, tal como fazem os comunistas, quando afirmam que a propriedade privada corrompeu a natureza humana, tornando o homem bom, mau. Aos olhos de Freud, se ela fosse abolida, ainda assim os homens seriam hostis, pela simples razão de que são agressivos por *natureza*. Vejamos o que ele nos diz:

Os comunistas crêem ter achado o caminho para a redenção do mal. O ser humano é integralmente bom, transborda de benevolência com seus próximos. Porém, a instituição da propriedade privada corrompeu sua natureza. A posse dos bens privados confere ao indivíduo o poder e com ele a tentação de maltratar seus semelhantes. Os sem posse não podem menos que se rebelar contra seus opressores, seus inimigos. Se se cancela a propriedade privada, se todos os bens se declaram comuns e se permite participar de seu gozo todos os seres humanos, desaparecerá a malevolência e a inimizade entre os homens. Satisfeitas todas as necessidades, não teriam motivos para ver no outro seu inimigo; todos se submeteriam de boa vontade ao trabalho necessário. Não é de minha incumbência a crítica econômica do sistema comunista; não posso indagar se a abolição da propriedade privada é oportuna e vantajosa. Porém, posso discernir sua premissa psicológica como uma vã ilusão. Se se cancela a propriedade privada, se subtrai ao gosto humano pela agressão, um dos seus instrumentos; poderoso, sem dúvida, porém não o mais poderoso. É que nada se modificará nas desigualdades de poder e influência de que a agressão usada para cumprir seus propósitos; e menos ainda em sua natureza mesma. A agressão não foi criada pela instituição da propriedade; reinou quase sem limitações em épocas primordiais quando essa ainda era muito escassa, se encontra nas pequenas crianças quando a propriedade nem sequer terminou de abandonar sua forma anal primordial, constitui a base de todos os vínculos de amor e ternura entre os seres humanos, com a única exceção do que une a mãe com seu filho.<sup>36</sup>

É em nome da agressividade constitutiva do homem, principalmente, que Freud nega a possibilidade do estabelecimento de uma sociedade que permita a satisfação pulsional, embora uma hipótese desse tipo seja cogitada em *O futuro de uma ilusão*. Freud afirma:

Pensar-se-ia ser possível um reordenamento das relações humanas, que removeria as fontes de insatisfação para com a civilização pela renúncia à coerção e a repressão dos instintos, de sorte que, imperturbados pela discórdia interna, os homens pudessem dedicar-se à aquisição da riqueza e à sua fruição.<sup>37</sup>

Mas cogitada essa hipótese, Freud imediatamente retoma o “pessimismo” que marca sua obra: “Essa seria a idade de ouro, mas é discutível se tal estado de coisas pode ser tornado realidade”.<sup>38</sup> Ele afirma que, ao que tudo indica, toda a civilização tem que se erigir sobre a renúncia pulsional, tendo em vista que a agressividade presente nos homens o caracteriza como uma criatura hostil, por natureza.

É interessante assinalar que, ao tratar da brutalidade demonstrada pelos indivíduos em tempos de guerra no texto *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, Freud deixa claro que as classificações acerca da natureza humana, como boa e má, não existem em si, uma vez que só podem ser formuladas com base nas exigências de uma vida em sociedade. Freud afirma:

Na realidade, não existe essa ‘erradicação’ do mal. A pesquisa psicológica – ou, falando mais rigorosamente, psicanalítica – revela, ao contrário, que a essência mais profunda da natureza humana consiste em impulsos instintuais de natureza elementar, semelhantes em todos os homens e que visam à satisfação de certas necessidades primeiras. Em si mesmos, esses impulsos não são nem bons nem maus. Classificamos esses impulsos, bem como suas expressões, dessa maneira, segundo sua relação com as necessidades e as exigências da comunidade humana. Deve-se admitir que todos os impulsos que a sociedade condena como maus – tomemos como representativos os egoísticos e os cruéis – são de natureza primitiva.<sup>39</sup>

Para Freud, a repressão não só da agressividade, como também da sexualidade, torna o homem um ser infeliz. Segundo ele, “Posto que a cultura imponha tantos sacrifícios não somente à sexualidade, mas também à inclinação agressiva do ser humano, compreendemos melhor que os homens dificilmente se sintam felizes dentro dela”.<sup>40</sup>

Já que a forma pela qual nós mesmos regulamos os relacionamentos humanos constitui a fonte mais penosa de sofrimento, surge a idéia de que a cultura é a grande responsável por nossa infelicidade e que, sem ela, talvez pudéssemos ser mais felizes, indica Freud. Ele afirma que essa posição está ligada ao grau demasiadamente baixo de contentamento que a cultura oferece ao homem, bem como a alguns fatos históricos. Pensa que uma atitude hostil em relação à cultura já está presente desde o domínio da religião cristã, ao valorizar a vida após a morte. Um fato histórico está ligado às viagens marítimas, as quais proporcionaram o contato com povos primitivos. Estes aparecem aos europeus como um povo que leva uma vida simples e, por isso, mais feliz. Entretanto, Freud afirma que esta visão é equivocada. Descobertas levam à idéia de que eles também possuem regras próprias. Outro fato diz respeito à descoberta freudiana das neuroses. Com ela, o homem toma conhecimento de quanto a civilização frustra as pulsões e infere que, sem ela, talvez as pessoas possam ser mais felizes. Freud ainda trata de um tema que considera um fator adicional de desapontamento: o progresso da ciência. De acordo com ele, o aumento no controle das forças da natureza não é acompanhado de um aumento proporcional na satisfação prazerosa, ou seja, na felicidade.<sup>41</sup>

Para Freud, o mundo externo, que pode nos destruir através das forças da natureza, e o corpo, o qual está condenado à decadência, constituem as duas outras fontes de sofrimento, além daquela referente aos relacionamentos humanos. Enquanto os relacionamentos humanos estão regulados de acordo com a vontade dos homens, o mundo externo e o corpo são considerados fontes de sofrimento inevitáveis. Segundo Freud, “Nunca dominaremos completamente a natureza. Nosso organismo, ele mesmo parte dela, será sempre um forma que perecerá, limitada em sua adaptação e operação”.<sup>42</sup>

Diante destas fontes de sofrimento, Freud afirma que os homens moderam suas reivindicações de felicidade, acreditando que são felizes somente porque escaparam ao sofrimento. Apesar disso, o esforço para alcançar a felicidade qualificada como “efêmera” não é abandonado.

Freud examina, então, uma série de técnicas que os homens utilizam para evitar o sofrimento e obter prazer, ou seja, ser feliz da forma que é possível. Satisfazer todas as pulsões constitui uma técnica tentadora mas, no entanto, perigosa pelas consequências que pode ocasionar. Existem outros métodos que se direcionam à evitação do desprazer, diferenciando-se de acordo com a fonte considerada pelo homem como a mais desprazerosa. O homem pode se isolar voluntariamente, a fim de evitar os sofrimentos provenientes das relações humanas e se afastar do mundo externo, para fugir de suas intempéries. Ou ainda atacar a natureza e tentar fazer com que se sujeite a sua vontade por meio da ciência. Freud afirma que, entre os métodos mais interessantes de evitar sofrimento, estão aqueles que influenciam o organismo, sendo a intoxicação o mais grosseiro de todos. Uma outra forma refere-se ao aniquilamento das pulsões e à tentativa de controlá-las, pois se a recusa em satisfazer a pulsão equivale ao sofrimento, são úteis tais tentativas. Neste caso do controle pulsional, o objetivo de satisfazer a pulsão não é abandonado. O que é apaziguado é o sofrimento decorrente da não-satisfação.

Uma outra técnica consiste no desvio da pulsão. Trata-se da sublimação, processo a partir do qual o prazer é atingido pela atividade intelectual. O ponto fraco deste método, para Freud, consiste no fato de que é acessível somente a algumas pessoas e que não proporciona uma proteção completa contra o sofrimento. Existe também o trabalho que, quando escolhido livremente, pode ocasionar prazer. Nenhuma das técnicas prende tanto o homem na realidade quanto o trabalho, na medida em que, através dele, o homem encontra um espaço dentro da comunidade. Todavia, Freud afirma que os homens parecem ter aversão ao trabalho. Comumente, só o realizam por pressão e não o procuram com a frequência que buscam com outros tipos de satisfações.

Há ainda um outro processo, além da sublimação, a partir do qual o homem busca a satisfação no mundo psíquico. Esta é obtida por meio de ilusões, as quais se originam da imaginação, região que ficou livre do teste da realidade e voltada para a realização de desejos difíceis de serem realizados. Trata-se da fruição das obras de arte, tornada acessível por meio da produção do artista. De acordo com Freud, elas nos proporcionam um alívio da pressão advinda da realidade.

Para os homens que não suportam a pressão da realidade, tornar-se eremita é uma das soluções encontradas. No lugar do mundo insuportável, cria-se um mundo mais adaptado ao desejo, o que acaba o conduzindo à loucura, ou seja, à psicose. O remodelamento delirante da realidade também é operado por muitas pessoas. Para Freud, a religião constitui um desses delírios.

Entre todas as técnicas já citadas, Freud assinala aquela que mais se aproxima da felicidade completa: trata-se da “[...] orientação da vida que situa o amor no ponto central, que espera toda a satisfação do fato de amar e de ser amado”.<sup>43</sup> Lembremos, neste ponto, que o amor sexual é a experiência que nos fornece a mais intensa satisfação. Isso explica o fato de tal modalidade ser próxima da felicidade. Conforme Freud:

[...] uma das formas de manifestação do amor, o amor sexual, nos proporcionou a experiência mais intensa de uma sensação prazerosa avassaladora, tornando-se assim o arquétipo para nossa aspiração à felicidade. Nada mais natural que buscarmos a felicidade pelo mesmo caminho que uma vez a encontramos.<sup>44</sup>

Entretanto, há um ponto fraco nessa técnica: o fato de que pode ocasionar demasiada infelicidade caso o objeto amado, de alguma forma, nos abandone. Determinadas pessoas, porém, conseguem voltar seu amor não para objetos isolados, mas sim para todos os homens, de forma que a pulsão tenha sua finalidade sexual genital inibida.

Freud cita uma outra técnica: a fruição da beleza, onde quer que ela apresente-se. Segundo o autor: “[...] beleza das formas e dos gestos humanos, dos objetos naturais e das paisagens, das criações artísticas e ainda científicas”.<sup>45</sup> Ela deriva da dimensão do sentimento sexual, no qual o impulso está inibido em sua finalidade. Embora beleza e atração sejam características de objetos sexuais, os próprios órgãos genitais que excitam através da visão não são belos. A beleza, neste sentido, parece estar ligada a caracteres sexuais secundários.

Como última técnica, Freud cita a neurose, a qual implica em satisfações substitutas das pulsões de cunho libidinoso. Segundo o autor, a religião pode poupar o indivíduo dessa doença, mas à custa de um infantilismo psicológico e de um delírio em massa. A técnica utilizada pela religião consiste na depreciação da realidade e na deformação do mundo real.

Para concluir, Freud afirma que, embora as técnicas citadas proporcionem prazer e, nesse sentido, felicidade “efêmera”, nenhuma delas oferece tudo o que o organismo almeja – até porque “tudo” diz respeito ao conceito de felicidade “absoluta”, ou seja, tensão zero no organismo. Segundo Freud: “Discernir a felicidade possível em seu sentido moderado é um problema da economia libidinal do indivíduo. Sobre este ponto não existe conselho válido a todos; cada um tem que examinar por si mesmo a maneira que pode alcançar a felicidade celeste”.<sup>46</sup> E, mesmo obtendo prazer, este é qualitativamente diferente daquele vivenciado por uma pulsão ainda não domada, o que reduz ainda mais as possibilidades de felicidade.

Assim sendo, cada homem deve procurar a técnica mais adequada em conformidade com sua constituição psíquica. Entretanto, devemos ter em vista que é perigoso investir toda a libido em uma só técnica. O êxito jamais é certo em virtude da dependência que a felicidade tem em relação a uma diversidade de fatores.

### **Considerações finais**

Neste artigo, procuramos entender o conceito de felicidade na obra de Freud. Para tanto, recorremos ao livro *O mal-estar na civilização*. Averiguamos que Freud conceitua felicidade como a realização do programa do princípio de prazer, ou seja, obtenção de prazer e ausência de desprazer.

Como os conceitos de prazer e desprazer apresentaram-se fundamentais, analisamos seus respectivos significados. Com essa análise, pudemos entender que obter prazer não consiste num estado alternativo ao de evitar desprazer, simplesmente porque é a própria ausência deste. Assim, foi possível concluir que felicidade é um estado constante de ausência de excitabilidade, o que nos conduz a idéia de que é *incompatível com a vida*, na medida em que esta é mantida através da introdução de tensão no organismo.

Além desse limite imposto pelo próprio psiquismo humano, analisamos também a felicidade sob um outro ponto de vista: o da cultura. Nessa análise, partimos da idéia de que Freud, ao tratar de cultura, faz referência à felicidade como satisfação, desvio e domínio pulsionais. Mostramos que, se por um lado a cultura limita a possibilidade de se atingir a felicidade através da imposição de sacrifícios pulsionais da ordem do desejo, por outro, proporciona infelicidade precisamente pela imposição de tais sacrifícios, gerando um *mal-estar*. Desse modo, a cultura atua em dois sentidos: limita a

possibilidade de ser feliz e proporciona sofrimento ao homem. Freud, então, tem razão ao afirmar que “A vida, tal como nos é imposta, é muito dura; traz muitas dores, decepções, tarefas impossíveis”.<sup>47</sup>

Diante de tanto sofrimento, talvez a resposta que Freud dá aos seus pacientes em relação à pergunta sobre como poderá ajudá-los com a análise, esclarece o que a psicanálise pode fazer aos homens, além de tê-los esclarecido sobre a possibilidade real de serem felizes:

Sem dúvida o destino acharia mais fácil do que eu aliviá-lo de sua doença. Mas você poderá convencer-se de que haverá muito a ganhar se conseguirmos *transformar seu sofrimento histérico numa infelicidade comum*. Com uma vida mental restituída à saúde, você estará mais bem armado contra essa infelicidade.<sup>48</sup>

## Notas

<sup>1</sup> Psicóloga e mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Professora da Faculdade Cidade Verde e do Cesumar.

<sup>2</sup> Todas as citações que seguem pertinentes ao livro *O mal-estar na civilização* são traduções da autora retiradas da seguinte versão: FREUD, Sigmund (2004a). *El malestar en la cultura*. In: *Obras completas: el porvenir de una ilusión; el malestar en la cultura y otras obras (1927-1931)*. 2 ed. Tradução de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, p. 76.

<sup>3</sup> *ib.*, p. 76.

<sup>4</sup> *ib.*, p. 76.

<sup>5</sup> *ib.*, p. 76.

<sup>6</sup> Doravante, *Projeto*.

<sup>7</sup> FREUD, Sigmund (1995b). *Projeto de uma Psicologia*. Tradução de Osmyr Faria Gabbi Junior. Rio de Janeiro: Imago, p. 26.

<sup>8</sup> Cf. MONZANI, Luiz Roberto (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 188.

<sup>9</sup> FREUD, Sigmund (2006c). Além do princípio de prazer. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1915-1920)*. v. 2. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, p. 135.

<sup>10</sup> *ib.*, p. 138.

<sup>11</sup> FREUD, Sigmund (2004d). Pulsões e destinos da pulsão. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1915-1920)*. v. 2. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, p. 148.

<sup>12</sup> FREUD, 2006c, p. 137.

<sup>13</sup> *ib.*, p. 135.

<sup>14</sup> *ib.*, pp. 135-136.

<sup>15</sup> *ib.*, p. 149.

<sup>16</sup> *ib.*, pp. 162-163.

<sup>17</sup> *ib.*, p. 161.

<sup>18</sup> MONZANI, 1989, p. 222.

<sup>19</sup> EPICURO (1997). *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, p. 37.

<sup>20</sup> MONZANI, op. Cit., p. 190.

<sup>21</sup> FREUD, Sigmund (1996e). O problema econômico do masoquismo. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1923-1938)*. v. 3. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, p. 106.

<sup>22</sup> FREUD, Sigmund (1976f). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. vol. 7. Rio de Janeiro: Imago, p. 215.

<sup>23</sup> *ib.*, p. 215.

<sup>24</sup> Cf. MONZANI, 1989, p. 228.

<sup>25</sup> . FREUD, 2004a, p. 94.

<sup>26</sup> *ib.*, p. 88.

<sup>27</sup> *ib.*, p. 112.

<sup>28</sup> Freud afirma que as crianças desenvolvem três teorias. A primeira consiste em atribuir a todas as pessoas a posse de um pênis. A segunda refere-se à crença de que os bebês nascem pelo orifício anal. A

terceira, por sua vez, surge com o testemunho acidental da relação sexual entre os pais e diz respeito à ideia de que o coito consiste num ato de violência imposto pelo participante mais forte. Freud, Sigmund (1976g). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. vol. 9. Rio de Janeiro.

<sup>29</sup> Cf. PELLEGRINO, Hélio (1987). Édipo e a paixão. In: NOVAES, Adauto. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 131-134.

<sup>30</sup> Freud, Sigmund (1976h). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. vol. 19. Rio de Janeiro: Imago, p. 221.

<sup>31</sup> FREUD, 2004a, p. 78.

<sup>32</sup> *ib*, p. 119.

<sup>33</sup> *ib*, p. 121.

<sup>34</sup> *ib*, p. 138.

<sup>35</sup> *ib*, p. 108.

<sup>36</sup> *ib*, pp. 109-110.

<sup>37</sup> FREUD, Sigmund (1997i). *O futuro de uma ilusão*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, p. 12.

<sup>38</sup> *ib*, p. 12.

<sup>39</sup> FREUD, Sigmund (1976j). Reflexões para os tempos de guerra e paz. In: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, pp. 317-318.

<sup>40</sup> FREUD, 2004a, p. 111.

<sup>41</sup> *ib*, pp. 86-87. Entretanto, é preciso considerar que a tecnologia oferece determinadas comodidades no desvio da finalidade original das pulsões e no apaziguamento do sofrimento proveniente das forças da natureza.

<sup>42</sup> *ib*, p. 85.

<sup>43</sup> *ib*, pp. 81-82.

<sup>44</sup> *ib*, p. 82.

<sup>45</sup> *ib*, p. 82.

<sup>46</sup> *ib*, p. 83.

<sup>47</sup> *ib*, p.75.

<sup>48</sup> FREUD, Sigmund. A psicoterapia da histeria (1974l). In: *Estudos sobre a histeria*. Tradução de Jayme Salomão. vol. II. Rio de Janeiro, Imago, p. 363. (grifos nosso).

## Referências Bibliográficas

EPICURO (1997). *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP.

FREUD, Sigmund (1974l). A psicoterapia da histeria. In: *Estudos sobre a histeria*. Tradução de Jayme Salomão. vol. II. Rio de Janeiro, Imago.

\_\_\_\_\_ (1976g). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. vol. 9. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_ (1976h). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. vol. 19. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_ (1976n). Totem e Tabu (1913). In: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. vol. 13. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_ (1976f). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. vol. 7. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_ (1976j). Reflexões para os tempos de guerra e paz. In: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. vol. 14. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_ (1995b). *Projeto de uma Psicologia*. Tradução de Osmyr Faria Gabbi Junior. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_ (1996e). O problema econômico do masoquismo. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1923-1938)*. v. 3.

- Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_ (1997i). *O futuro de uma ilusão*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_ (2006c). Além do princípio de prazer. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1915-1920)*. v. 2. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_ (2004a). El malestar em la cultura. In: *Obras completas: el porvenir de una ilusión; el malestar en la cultura y otras obras (1927-1931)*. 2 ed. Tradução de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_ (2004d). Pulsões e destinos da pulsão. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1915-1920)*. v. 2. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_ (2006m). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico (1911). In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1911-1915)*. v. 1. Trad. Luiz Alberto Hanns (org.). Rio de Janeiro: Imago.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B (1983). *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- MONZANI, Luiz Roberto (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- PELLEGRINO, Hélio (1987). Édipo e a paixão. In: NOVAES, Adauto. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido em 07/06/2011.  
Aprovado em 15/07/2011.